

COLETIVO MULHERES INSUBMISSAS: AÇÕES EDUCACIONAIS E POLÍTICAS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

Helânia Thomazine Porto (UNEB)³²

Ana Carolina Porto Veronez (UFES)³³

RESUMO

O propósito deste artigo é descrever e analisar as ações políticas e educativas realizadas pelo Coletivo *Mulheres Insubmissas* no contexto digital, apreendendo as concepções de feminismo presentes em narrativas de conferencistas e de mediadoras em quatro eventos, realizados entre o período de março de 2020 a outubro de 2020, a partir das indagações: como as *Insubmissas* reivindicam o lugar da mulher em suas atividades educativas? Na construção de suas proposições, que feminismo tem sido pensado e construído? As análises das narrativas das conferencistas e mediadoras de nove web conferências acerca do(s) feminismo(s) foram realizadas pela adoção da semiologia e da etnografia virtual, por uma abordagem qualitativa, visto que as subjetividades presentes nas narrativas também foram levadas em consideração. As reflexões postas nesse artigo ainda são embrionárias quanto à questão do feminismo como epistemologia na Universidade do Estado da Bahia, entretanto não se pode negar que as ações empreendidas e analisadas têm potencial de mobilizar conceitos acerca de identidade/alteridade e gênero. Dessa forma, as vivências do Coletivo, que foram analisadas, revelam que as mulheres engendram diferentes estratégias e táticas para circular e driblar as adversidades do machismo estrutural, colocando-se em posições políticas e em resistência ao sistema patriarcal.

Palavras-chave:

Coletivo de Mulheres. Mulheres Insubmissas.
Feminismos. Narrativas Femininas.

³² Professora e pesquisadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Doutora em Ciência da Comunicação: processos midiáticos, pela UNISINOS - RS. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), do Grupo de Pesquisa Processos Comunicacionais: epistemologia, midiaticização, mediações e recepção - PROCESSOCOM (CNPq/CAPES/UNISINOS) e da Rede AMLAT (América Latina: Comunicação, cidadania, educação e integração latino-americana) E-mail: hthomazine@hotmail.com.

³³ Estudante do curso de Agronomia da Universidade Federal do Espírito do Santo, Campus Alegre (E.S.). Membro do Coletivo Mulheres Insubmissas: *feminismos e ações afirmativas no Departamento de Educação da UNEB - Campus X.* E-mail: anacarolinaportoveronez@gmail.com

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe and analyze the political and educational actions carried out by the Coletivo Mulheres Insubmissas in the digital context, apprehending the conceptions of feminisms present in narratives of lecturers and mediators in four events, held between the period of March 2020 to October of 2020, based on the questions: how do Insubmissas claim the place of women in their educational activities? In the construction of your propositions, what feminism has been thought and constructed? The analysis of the narratives of the lecturers and mediators of nine web conferences about feminism (s) were carried out through the adoption of semiology and virtual ethnography, through a qualitative approach, since the subjectivities present in the narratives were also taken into account. The reflections put in this article are still embryonic regarding the issue of feminism as an epistemology at the State University of Bahia, however we cannot deny that the actions undertaken and analyzed have the potential to mobilize concepts about identity / otherness and gender, thus, the experiences from the Collective that were analyzed reveal that women devise different strategies and tactics to circulate and circumvent the adversities of structural machismo, placing themselves in political positions and in resistance to the patriarchal system.

Key words:

Women's Collective. Insubmissive Women.
Feminisms. Female Narratives.

1 Introdução

O propósito deste artigo é descrever e analisar as ações políticas e educativas realizadas pelo Coletivo *Mulheres Insubmissas* no contexto digital, apreendendo as concepções de feminismo presentes em narrativas de conferencistas e de mediadoras em quatro eventos, realizados entre o período de março de 2020 a outubro de 2020. O grupo social sujeito desse artigo é constituído por 50 mulheres feministas, essas acreditam e lutam pela desconstrução do pensamento heteronormativo e do machismo estrutural, e ao entenderem que o feminismo pode ser construído e defendido de diferentes formas, utilizam o substantivo feminismo no plural, em consideração à multiplicidade dos movimentos feministas e das mulheres que os compõem.

O coletivo *Mulheres Insubmissas* vincula-se ao projeto de extensão *Mulheres Insubmissas: feminismos e ações afirmativas* no Departamento de Educação da UNEB - Campus X, que se organiza como uma práxis de

Gênero, sexualidade e identidades

enfrentamento ao machismo estrutural e ao racismo, na defesa radical de que as mulheres são seres humanos, portanto merecem respeito, dignidade e direitos. Nesse sentido, buscamos apresentar e interpretar os pensamentos e ações das mulheres feministas que participam do projeto, atentando-se para as formas como refutam as estruturas sociais fundamentadas no patriarcado, a partir de algumas indagações: como as *Insubmissas* reivindicam o lugar da mulher em suas atividades educativas? Na construção de suas proposições, que feminismo tem sido pensado e construído?

O método de investigação se deu pela adoção da semiologia, procurando trazer os pensamentos de conferencistas e mediadoras de nove *web* conferências acerca do(s) feminismo(s), portanto as análises se deram por uma abordagem qualitativa, visto que as subjetividades presentes nos pontos de vista de cada conferencista foram levadas em consideração. Nesse sentido, o procedimento metodológico adotado direcionou a leituras críticas das interlocuções que se derem entres os sujeitos comunicativos em suas enunciações, estas últimas como respostas *sócio-históricas e culturais* (BAKHTIN, 2003).

A metodologia adotada possibilitou a descrição e análise de nove *web* conferências, referentes aos quatro eventos: *Círculos de Debates Quem tem medo do feminismo negro?*, *I Fórum Nacional Julho das Pretas: lutas, resistências e protagonismos de Mulheres Negras*, *Visibilizando Mulheres Lésbicas: encruzilhadas entre a academia e a militância*, e *I Udxêre'xó Ūpâp jokana Txihihãny /I Encontro de Mulheres Indígenas*, ocorridos entre o período de março de 2020 a outubro de 2020. Esses seminários foram estruturados em módulos aglutinando, assim, um conjunto de conteúdos e de procedimentos didáticos, que invocaram reflexões coletivas e debates estimulados pelas pesquisas e ações extensionistas apresentadas entre as fronteiras da academia e das militâncias.

Em decorrência da pandemia Covid-19, as ações que eram realizadas presencialmente tiveram se redimensionadas por meio da utilização de canais alternativos de comunicação e de informação, como do *Programa Uirapuru a Voz do Campus X* apresentado na Rádio Câmara 90,9 FM, do perfil Mulheres Insubmissas do Youtube e do Instagram, buscando, nesses *locus*, a socialização de saberes e de integração de seus membros, contribuindo, em certa medida, para a diminuição dos impactos da crise sanitária na vida de mulheres e de seus familiares. O sentido de feminismo

apreendido dessas narrativas se deu também das dialéticas com teorias que tratam sobre feminismos e suas interfaces com as questões étnico-raciais e identitárias. Desse modo, nas análises das ações políticas e educacionais do coletivo *Mulheres Insubmissas* buscou-se aproximações com a operação semântica do termo insubmissas, deste como um *legisigno* que sugere a negação da imposição da soberania do patriarcado e seus desdobramentos.

Sabe-se que a dominação arbitrária masculina no interior da esfera familiar se revela de diferentes formas, como da obrigatoriedade de as mulheres atenderem as expectativas masculinas, independentemente das circunstâncias e de suas próprias vontades. A violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consistem em outra indicação de relações patriarcais; e, na linguagem, no campo simbólico onde circulam informação, há também relações de poder. Portanto, busca-se nos discursos das conferencistas revelar como as relações de poder, presentes na sociedade patriarcal, são denunciadas nos discursos das conferencistas.

A idealização e implantação do coletivo *Mulheres Insubmissas* tem funcionado como uma *escola feminista*, à medida que vem buscando a construção de um feminismo descolonial, focado em políticas educacionais para mulheres, priorizando as experiências e saberes de todas. Logo, as enunciações das conferencistas apreciadas como uma resposta ao *status quo*, serão lidas como enunciações uma vez que são narrativas constituídas de autoria, com endereçamento - leitor imediato e aos possíveis leitores das *webs* conferências e de circularidade de informações em espaço público;

Se o discurso é dirigido a outros/as, pode-se pensar também que as definições de feminismo estão fundamentadas em diferentes paradigmas de grupos histórico-sociais, que indiretamente influenciam a práxis das *Mulheres Insubmissas*, conforme explicita Maria da Glória Gohn (2011), as concepções são tensionadas por três fatores fundamentais: (1) mudança de organização civil, no que se refere a seu conteúdo, suas práticas, formas de organização e bases sociais, (2) mudanças nos paradigmas de análise dos pesquisadores, e (3) mudanças na estrutura econômica e nas políticas estatais. Nesse sentido, investiga-se como as *Mulheres Insubmissas* inseridas na atmosfera e nas múltiplas relações e dimensões da *interação socioideológica* no contexto digital (FARACO, 2009) constituem-se discursivamente como feministas. Para o estabelecimento de dialéticas teóricas com as experiências

dessas mulheres convoca-se Sojourner Truth, Barbara Smith, Djamilia Ribeiro, bell hooks, Conceição Evaristo, Joana Burigo e Juliete Paredes.

2 O projeto de extensão Mulheres Insubmissas e suas proposições

O projeto de extensão Mulheres Insubmissas busca avançar em três frentes de ações, por meio da articulação do ensino com a pesquisa e a extensão, assim registrado: feminismos como uma epistemologia convergente e interdisciplinar; práticas educativas institucionalizadas em prol de mulheres e por meio de ações culturais que promovam reflexões profundas e sensíveis acerca das condições das mulheres universitárias, do feminismo na academia.

Feminismo(s) como epistemologia(s) privilegia o reconhecimento da pluralidade e complexidade do mundo, percebendo as diferenças como amálgamas, sem tentar reduzi-las a algum referencial. Tanto o ensino quanto a pesquisa devem dialogar com essas diversidades, sendo a questão de gênero o tema central para se questionar as formas de construção social, cultural e linguística implicadas nos processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo nesses, aqueles que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, sexualidade, gênero e identidades. Quanto às intervenções, busca-se a implementação de políticas afirmativas em prol de universitárias e egressas, por meio da promoção de encontros, formações/estudos acerca do feminismo, gênero, sexualidade, identidades e de políticas públicas de inclusão e permanência de mulheres na universidade.

O projeto *Mulheres Insubmissas* almeja exercitar a imaginação e ampliar as perspectivas, capacitando cada mulher na construção de uma realidade por ela protagonizada, propondo assim epistemologias de oposição ao patriarcado, para que educadores/as e estudantes reflitam sobre a posição privilegiada do masculino em suas diversas formas de exercício de poder.

O referido projeto foi elaborado entre o período de agosto a outubro de 2019, a princípio constituído de uma pequena equipe³⁴, formada por nove

³⁴ Aline Sousa de Oliveira (estudante de Letras), Priscilla Cruz Delfino (estudante de Letras representante do DA de Letras), Mirian de Oliveira Dias (estudante de Letras) Helânia Thomazine Porto (professora do DEDC_X), Olga Suely Soares de Souza (professora do DEDC_X), Lúcia de

mulheres. Em 18/12/2019, por meio do *I Encontro de Mulheres Submissas: Feminismos e ações afirmativas no DEDC-X*, no auditório do Departamento de Educação - Campus X, apresentou-se a proposta à comunidade acadêmica, incluindo nesse evento a conferência “Costurando a vida com fios de ferro: narrativas de mulheres negras cotistas na UNEB/Campus X”, pela Professora Mestre Jéssica Silva Pereira, e a exposição de fotografias *Cosmovisão Pataxó*, pela fotógrafa Solange Nogueira.

Nesse encontro, a coordenadora do projeto, Helânia Thomazine Porto, partindo da indagação enfrentada por Simone de Beauvoir no seu livro “O Segundo Sexo” (1968), “o que é uma mulher?” justifica a importância de se pensar no âmbito da universidade os fatores sociais, políticos e culturais que formatam os significados do significante *mulher*, compreendendo o termo como um signo não apenas pelos imperativos biológicos, mas como resultado das relações de poder, questionando, assim, as formas de discriminação e de desigualdade, como tarefa imprescindível na conjuntura atual.

Nessa perspectiva, a ação extensionista entende que é na cotidianidade que se constrói o que é ser *Mulher*, distanciando-se de teorias de noções essencialistas que remetem a modos de ser e de sentir, principalmente nas noções biologistas de corpo, de sexo e de sexualidade. Logo o coletivo trata dessas questões pelo deslocamento da construção hierárquica do homem, não aceitando esse lugar como óbvio e um estado natural das coisas, portanto, ao refutá-lo, pressupõe entender os *feminismos* como uma ação política e educativa.

A questão de gênero como o centro das discussões aponta para a necessidade de ações pedagógicas e políticas continuadas na formação de todas, essas em repúdio ao capitalismo, ao autoritarismo, ao machismo, assegurando nessas proposições o lugar de fala dessas mulheres que são *minorias*³⁵ em comparação ao poder exercido majoritariamente por homens.

Fátima O. de Jesus (professora do DEDC_X), Raíza Cristina Canuta da Hora (professora do DEDC_X), Jéssica Silva Pereira (egressa do DEDC-X) e Adriene Macário dos Santos (estudante de História e representante do DCE-Campus X)

³⁵ Compreende-se o termo *minoria*, na perspectiva de Barbalho (2005), o significa abranger um conjunto de sujeitos e grupos marcados por diferentes demandas sociais, com diferenciadas características culturais e organizacionais. São identificados como minorias, uma vez que se

Gênero, sexualidade e identidades

O grupo é constituído por mulheres negras, indígenas, brancas, universitárias, periféricas, heterossexuais, lésbicas. Consequentemente, as pautas apresentadas pelas *Mulheres Insubmissas* do DEDC-X englobam temas diversos, como as diferentes formas de assédios, violências contra as mulheres, feminicídios, criminalização do aborto, a educação e a sociedade organizadas a partir do machismo, da cultura patriarcal e do racismo, ausência de autoria feminina na base das discussões acadêmicas. Nessa miragem indaga-se: - De que feminismo(s) as Mulheres Insubmissas falam em seus encontros formativos?

3 Gênero como questão central

Os primeiros textos escritos sobre as mulheres na Grécia e Roma antigas são originários de sociedades patriarcais, de pensamentos filosóficos e políticos quase exclusivamente masculinos. Entretanto, em todo sistema há resistências, por exemplo, a poetisa Safo, que escreveu poemas de amor e erotismo quando viveu em Lesbos, supostamente entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Mas isso não significa que, antes disso, mulheres não estivessem articulando dissidências.

Na Idade Média, com o crescimento do cristianismo e da organização da igreja hierárquica, exclusivamente masculina, o acesso ao deus cristão também fora questionado por algumas mulheres, que reivindicavam acesso direto a “Ele”, independente do clero, por meio de suas visões e conhecimentos místicos.

Na Idade Moderna, as concepções cristãs foram aos poucos sendo suplantadas por ideias do Estado nacional, dos sistemas jurídicos e da ciência. Contudo, essa nova organização não significou valorização das mulheres. Novamente as mulheres sofreram apagamento sistemático de suas vozes e pensamentos, justificado pelas explicações científicas, que consideravam as mulheres seres inferiores. A escritora e filósofa francesa Cristina de Pisano publicou em 1405 *Le Livre de la Cité des Dames* (O Livro da Cidade das Mulheres), no qual atacava com perspicácia e ironia as opiniões misóginas de muitos de seus contemporâneos.

encontram ideologicamente marginalizados, em situação desprivilegiada em relação a grupos sociais hegemônicos.

No Iluminismo, a ideia de igualdade entre homens e mulheres difundiu-se pela Europa no século XVIII, integrando-se à Revolução Francesa de 1789, que tinha como tema *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. Nesse período, muitas mulheres participaram das insurreições, requerendo a equidade, pois não consentiam a fraternidade dirigida somente aos homens, esses como categoria de humano, enquanto as mulheres como seres inferiores, questões que eclodiram na “Marcha da Mulheres a Versalhes”, em 5 de outubro de 1789, da qual participaram mais de 8.000 trabalhadoras e cidadãs.

No início do século XIX, tornou-se cada vez mais claro que a ideia de igualdade entre todos os sujeitos não existia, pois o abismo entre os direitos humanos entre mulheres e homens persistiam. Igualmente durante o século XIX e início do Século XX em diversos países, expressivamente no Reino Unido, Estados Unidos e França aconteceram movimentos feministas, esses requeriam entre outros, o direito ao voto. Esse período de articulações foi lido como *Primeira Onda do Feminismo*, com desdobramentos tanto na Europa quanto nos Estados Unidos. Como exemplo, a primeira convenção de mulheres em Nova York, realizada em 19 a 20 de julho de 1848, com a participação de Lucretia e Elizabeth Cady Stanton, ativistas pelos direitos de civis e das mulheres. Já em 29 de maio de 1851 aconteceu a Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio (EUA), organizada por uma maioria de mulheres brancas defensoras dos direitos das mulheres, dentre essas algumas abolicionistas. Desse período o texto que inspirou muitas feministas foi o discurso de Sojourner Truth (2014) que questionava “Eu não sou uma mulher?”

No Brasil tivemos a atuação da escritora e advogada mineira Mietta Santiago, que em 1928, observou que a proibição ao voto feminino contrariava o artigo 70 da Constituição da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil de 1891, assim impetrou Mandato de Segurança, obtendo sentença favorável, consequentemente candidatou-se, exercendo assim plenamente os seus direitos políticos, de votar e ser votada. Alzira Teixeira Soriano também disputou eleições em 1928, vencendo o pleito com 60% dos

Gênero, sexualidade e identidades

votos, o que a tornou a primeira mulher da América Latina a assumir o governo da cidade Lajes (RN)³⁶ (TSE, 2013).

A segunda onda do feminismo compreende o período de 1960 a 1980 nos Estados Unidos, tendo suas ações reverberadas em outros países. Nesse período as críticas sobre desigualdades sociais e legais, foram ampliadas e aprofundadas em diversas frentes: divisão do trabalho, direitos sexuais e reprodutivos, aborto seguro, estupro, violência doméstica e conjugal, divórcio e sexualidade dentre outros. Essas pautas problematizavam a suposta vocação natural das mulheres para a maternidade e para as atividades assistenciais apresentadas à sociedade no período de guerra. Tem-se ainda, nesse período, investimentos em estudos, como da teórica Bárbara Smith (1979) que coloca o feminismo como teoria e prática política de libertação de todas as mulheres: mulheres racializadas, trabalhadoras, mulheres pobres, com deficiência, lésbicas, idosas, e também mulheres economicamente privilegiadas e heterossexuais.

A segunda onda do feminismo no Brasil foi ainda acrescida pelas lutas contra a ditadura, por exemplo as ações do Movimento Feminino pela Anistia, fundado pela assistente social, advogada e ativista dos direitos humanos Therezinha Zerbini, que reivindicava a anistia para todas as pessoas perseguidas, presas, exiladas e banidas em função de suas posições políticas.

Na terceira onda até a presente data, tem-se a intersecção das práxis feministas com as pautas antirracistas. A afirmação da diversidade das experiências das mulheres corroborou para um exame crítico das desigualdades entre elas. Sendo a corrente de pensamento do feminismo negro que apontara para as formas de opressão das mulheres oriundas da discriminação racial O feminismo de *abordagem interseccional*, conforme Kimberlé Crenshaw (2002), busca “capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (p. 177). Essa corrente vem mostrando como o sexismo se combina com o racismo e outros sistemas discriminatórios com base na classe social, geração, pertença étnica e orientação sexual, em diferentes esferas da vida social, econômica e política.

Nesse período ocorreu a nível nacional a abertura democrática, com o fim da ditadura militar colaborou para se pensar uma série de políticas

³⁶ Conforme Tribunal Superior Eleitoral, disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticiastse/2013/Marco/semana-da-mulher-primeira-prefeita-eleita-no-brasil-foi-a-potiguar-almazira-solano>.

públicas e dispositivos sociais para as mulheres, destaca-se a criação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher – CNDM, em 1985, marcando a institucionalização das reivindicações das mulheres brasileiras. Dessa conquista resultou a implantação, em âmbito federal, das primeiras políticas públicas dirigidas especificamente às mulheres e não apenas às mulheres-mães, como por exemplo a inauguração das primeiras Delegacias Especializadas no Atendimento à Mulher (DEAMs) e os abrigos governamentais para a proteção de mulheres em situação de violência. (MIRANDA, 2016).

Sendo assim, para refletir sobre os feminismos atravessados por questão de classe, raça, etnia e sexualidade e identidades tem-se como fonte de informações enunciados de mulheres sobre mulheres selecionados de uma série de *web* conferências disponíveis no canal das *Mulheres Insubmissas*, divulgadas entre o período de abril a outubro de 2020.

4 Narrativas insubmissas em quatro eventos

O projeto *Mulheres Insubmissas* nasce da defesa de que a universidade precisa reinterpretar e revisar a história; e, ao reescrevê-la, por meio de projetos de pesquisa e atividades extensionistas, impulsionando transformações internas, especificamente na organização curricular. Pensando nesse desafio, o Coletivo realizou cinco eventos, em modalidade online, dos quais serão analisados quatro.

Para o primeiro seminário foi eleito como tema o título do livro de Djamila Ribeiro, *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018) ampliado com a leitura interdisciplinar da *minissérie A Vida e a História de Madam C. J. Walker* (2020). O evento aconteceu em três momentos distintos, realizados na plataforma Zoom.

O primeiro círculo no contexto digital foi realizado em 23 de abril de 2020, das 17 horas as 21 horas. Nesse encontro abordou-se sobre a *miscigenação e cultura do estupro, racismo e cotas raciais*, tendo como mediadoras: Prof.^a Doutoranda Raiza Cristina Canuta da Hora (UNEB /UFBA), Prof.^a Doutora Lúcia de Fátima Oliveira de Jesus (UNEB) e Prof.^a Me Jéssica Silva Pereira, visando pensar formas de se construir uma

Gênero, sexualidade e identidades

sociedade organizada a partir do respeito à diversidade, pela construção de um feminismo antirracista, conectado com as lutas da classe trabalhadora, conforme defesa de Cinzia Arruzza, Nancy Fraser e de Ângela Davis, um feminismo que beneficie 99% das mulheres, pois não basta não ser feminista, é preciso ser antirracista.

Imagem 1: Card de divulgação do círculo 1



Fonte: Arquivos do Coletivo Mulheres Insubmissas

O segundo círculo foi realizado em 07 de maio de 2020, e teve como temática as diversas ondas do feminismo, protagonismo de escritoras negras e violência física e simbólica. As mediadoras dessa mesa foram a Prof.^a Doutora Olga Suely Soares de Souza, Prof.^a Doutora Karina Lima Sales e a estudante de Letras Katiane Martins de Oliveira.

Imagem 2: Card de divulgação do círculo 2



Fonte: Arquivos do Coletivo Mulheres Insubmissas

Dentre as discussões apresentadas, as conferencistas posicionaram-se contra a dominação machista e as formas de exclusão da mulher, ao tempo em que apresentaram as estratégias de resistências de diferentes mulheres em organizações sociais diversas, conforme as ondas do feminismo.

No terceiro círculo, realizado no dia 21 de maio de 2020, a obra de Djamilia foi ampliada com as leituras interculturais e interdisciplinares da minissérie *A Vida e a História de Madam C. J. Walker* (2020), tendo como mediadoras: Prof.^a Doutora Helânia Thomazine Porto, a estudante de Letras Carla Silva Santana, Prof.^a Mestre Maria Mavanier Assis Siquara e Prof.^a Mestre Jéssica Silva Pereira. As Insubmissas, por meio da interpretação da série *Madam C. J. Walker*, refletiram sobre o feminismo negro, este como movimento de enfrentamento às consequências perversas do racismo estrutural, que atinge homens e mulheres pretos. Assim, nesse círculo de debates, incentivou-se todos/as a avaliarem as questões sociais e políticas do ponto de vista de gênero, raça e classe social, para que coletivamente se avance em oposição ao patriarcado capitalista de supremacia branca imperialista.

Gênero, sexualidade e identidades

Imagem 3: Card de divulgação do círculo 3



Fonte: Arquivos do Coletivo Mulheres Insubmissas

Nos debates elucidou-se que os feminismos distantes dessas pautas não se configuram como feminismo, que na observação de Joan Scott (1990), seria pela defesa de se lançar luz sobre a história das mulheres e também a dos homens, e das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, isto é, por uma perspectiva histórica, social e antropológica, propiciaria análises mais pontuais das desigualdades e das hierarquias sociais.

Há pouco tempo a desigualdade entre homens e mulheres só era lembrada no dia oito de março, felizmente debates políticos acerca das mulheres tem ocorrido durante todo o ano. E em aderência a continuidade das ações, o coletivo Mulheres Insubmissas realizou o *I Fórum Julho das Pretas*, que de acordo como a data de celebração do Dia Internacional da Mulher Negra Afro Latino-americana e Caribenha, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, celebrado em 25 de julho no Brasil e América Latina, propôs, por meio da plataforma *Streamyard*, web conferências transmitidas no perfil do Youtube das Insubmissas, entre o período de 23 a 25 de julho de 2020.

O I Fórum Nacional Julho das Pretas: lutas, resistências e protagonismos de Mulheres Negras foi construído com a participação do Diretório Central Estudantil do Campus X - DCE Flor de Mandacaru, envolvendo práticas educativas e culturais de docentes e discentes da

Universidade do Estado da Bahia. O evento teve início no dia 23/07, no qual se discutiu sobre *Mulheres Negras do extremo sul baiano e suas escrevivências*, com a participação de estudante do ensino médio Odara Galdino, Prof.^a Mestre Arolda Maria Figueredo e da estudante de Letras e poeta Eliza Metzker, tendo como mediadora a estudante de Letras do Campus X Joana Estefane Calixto Silva. Nesse bloco, as quatro mulheres negras falaram de si e de como foram se constituindo escritoras negras, a partir de suas histórias de vida, conforme ensina Conceição Evaristo ao cunhar a palavra escrevivência em 1995. Assim, dentre as narrativas trazidas pelas conferencistas, destaco a enunciação da poetisa Eliza Metzker (2020), acerca de sua apreensão do feminismo negro, com sua capacidade questionadora fez cada uma pensar sobre quem é e como se constituiu mulher negra ao longo da sua existência, aconselhando cada uma a reverenciar as mulheres que as antecederam, pois as conquistas das mulheres negras do presente vêm de longe, assim, reportando-se ao pensamento de Conceição Evaristo:

Quando estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, me vem à memória a função que as mulheres africanas - dentro das casas-grandes, escravizadas - tinham de contar histórias para adormecer a casa-grande. Eram histórias para adormecer. Nossos textos tentam borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos (EVARISTO, 2008, p. 8)

Eliza Metzker (2020) progredindo nessa argumentação retoma uma questão que é crucial para o feminismo, quando se fala em dar voz as mulheres negras, para ela deveria ser a escuta de suas vozes, pois as mulheres negras sempre estiveram aí presentes, falando, escrevendo e produzindo conhecimento, e importante se faz no presente é (re)conhecer as *escrevivências* de escritoras negras, pois nessas as demais mulheres se sentirão representadas.

Imagem 4: Conferencista Arolda M. Figueredo, intérprete de Libras Amanda, mediadora Joana E. C. Silva e conferencistas Eliza Metzker e Odara Galdino

Gênero, sexualidade e identidades



Fonte: Canal da Mulheres Insubmissas no Youtube, 23/07/2020

O primeiro dia do evento possibilitou ler pelas *escrevivências* das quatro Insubmissas a compreensão do feminismo interseccional, em que se tem adjunto as pautas feministas o combate ao racismo, por uma desconstrução do pensamento fundamentada em autoras latino-americanas. De seu lugar de pertencimento, cada conferencista colocou a sua escrita literária a serviço a revolução social, conforme no lembra Mary Hawkesworth (2006) ao dizer que o dinamismo e a capacidade de retroalimentação do feminismo brasileiro são características que possibilitam a força necessária para sua sobrevivência e inovações harmonizadas com a mudança de valores sociais diante das conquistas decorrentes de suas existências nos cenários local, regional e global.

No dia 24/07, abordou-se sobre *Mulheres Pretas no Mercado Fonográfico*, com a participação da historiadora e cantora Mirla Kleille O. Correia, da cantora, compositora e estudante de Turismo do Campus XVIII/UNEB Emmer Carvalho e da cantora, produtora, compositora e design Beatriz Maria Barbosa da Silva, tendo como mediadora a historiadora e compositora Renata Freitas. Essa mesa de debate trouxe como reflexão o racismo no mercado fonográfico, conforme Renata Freitas (2020) ao apontar que o Brasil com sua população majoritariamente negra, só tem 12% da população negra ocupando espaço na cultura musical, e que entre tantos outros desafios que as mulheres enfrentam, as mulheres negras ainda enfrentam a desigualdade no campo da cultura. Dessas enunciações pode-se realizar aproximações com o pensamento da ativista estadunidense Ângela Davis (2014) ao dizer que “não posso falar com autoridade no Brasil, mas

às vezes não é preciso ser especialista para perceber que alguma coisa está errada em um país cuja maioria é negra e a representação é majoritariamente branca".³⁷

Essa violência também está presente na economia fonográfica, assim, é preciso projetar um futuro que preencha essas “ausências” intencionalmente mantidas na economia predominantemente branca e heteronormativa. Ao capitalismo e ao colonialismo, deve-se acrescentar o patriarcado como sistema de invisibilização de mulheres nas esferas públicas da política, da economia e cultura.

Imagem 5: Mediadora Renata Freitas e conferencistas Emmer Carvalho, Beatriz M. B. da Silva e Mirla Kleille O. Correia



Fonte: Canal da Mulheres Insubmissas no Youtube, 24/07/2020

Para além da invisibilidade dos negros e negras na cultura fonográfica, a conferencista Mirla Kleille O. Correia (2020) também questiona o lugar da mulher negra no espaço midiático, pois a mídia hegemônica, que segundo o pesquisador Muniz Sodré (1999), no seu livro *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*, diz que “a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele.” (p.

³⁷ Informação disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2014/07/angela-davis-critica-ausencia-de-negros-no-poder-e-na-televisao-no-brasil>.

Gênero, sexualidade e identidades

243). Ou seja, não se pode ignorar que no espaço midiático também ocorrem relações de poder, sendo esse espaço sexista, machista o saber e a economia.

Na sua proposta de descolonização do saber, Boaventura de Sousa Santos (2010) aponta o universalismo e a globalização como escalas dominantes de pensamento e de ação, e que esses apagam os vários segmentos da vida social, econômica, política e cultural e alternativas, nesse caso, a cultura fonográfica.

E, no dia 25/07, falou-se sobre *Mulheres Negras no Poder*, sendo as conferencistas a professora Dra Lúcia de Fátima O. de Jesus (pré-candidata a vereadora de Teixeira de Freitas), professora Eslane Paixão (pré-candidata a vereadora de Salvador) e a professora e mãe de santo Bernadete de Souza (pré-candidata a prefeita de Ilhéus), diálogos mediados pela mestranda Evellin Bianca Souza de Oliveira. Nesse evento, as Insubmissas debateram sobre a garantia do empoderamento das mulheres a partir da participação de mulheres de esquerda no poder político, frente ao déficit de representação de mulheres negras, indígenas, jovens, mulheres trans, etc. no executivo e no legislativo. Pois, falar de empoderamento da mulher é refletir sobre a nossa democracia. Se as mulheres são 52% da população nacional, por que só 10% das cadeiras do congresso nacional são ocupadas por mulheres? Mesmo depois de 20 anos da lei que determina que um terço das candidaturas dos partidos sejam femininas. E essa representação é ainda mais baixa quando se analisa a representatividade de mulheres negras, pardas e indígenas, a nível municipal.

Imagem 6: Mediadora Evellin B. Souza, as conferencistas Lúcia de F. O. de Jesus, Bernadete de Souza, Helânia T. Porto e conferencista Eslane Paixão.



Fonte: Canal da Mulheres Insubmissas no Youtube, 25/07/2020

Assim, nesse momento das prévias das eleições municipais as *Insubmissas* entendem que a garantia do empoderamento das mulheres se dará também pela participação na política, portanto, o Coletivo defende no fórum a participação das demais no poder, para que as pautas feministas sejam ampliadas e exequíveis, ao tempo em que sugere um novo formato de exercício de mandato, não o modelo machista/ do coronelismo, mas um formato de mandato coparticipativo, cooperativo e concidadão, em que os programas nascidos na base possam ser levados a frente por grupos de mulheres que constituíram o planejamento.

As enunciações do *I Fórum Nacional Julho das Pretas* possibilitaram perceber que é por essas trincheiras que as *Insubmissas* devem trilhar, buscando transformações políticas e sociais, aquelas capazes de afrontar o sistema capitalista, o patriarcado e o racismo pelo enfrentamento aos sistemas operantes de manutenção das desigualdades sociais, das opressões e violências.

Essas argumentações instigaram a pensar na concepção de feminismo como teoria e prática política de libertação de todas as mulheres que se dá pela adoção de um método de análise, de abordagem da vida e de política, uma forma de levantar questionamentos e buscar respostas, ao invés de um arcabouço de conclusões sobre a opressão das mulheres. O feminismo não como dogma, mas como um método que nasceu de movimentos sociais (CASTRO; BRONFMAN, 1993).

A questão de gênero e sexualidade constituem-se em pautas basilares do Coletivo, assim, no dia 27 de agosto de 2020 as *Insubmissas* realizaram o *Seminário Visibilizando mulheres lésbicas*: encruzilhadas entre a academia e a militância, juntando-se a agenda de 29 de agosto como o dia *Nacional da Visibilidade Lésbica*. Esse evento objetivou lembrar a existência da mulher lésbica, as violências sofridas por elas e as suas demandas no cerne dos movimentos LGBTQIAP+ (Lésbica, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromântiques/Agênero, Pan/Poli e mais), com ênfase na militância lésbica a nível nacional e local.

As conferências foram desenvolvidas pela Prof.^a Doutoranda em História Raiza Canuta da Hora, Prof.^a Doutora Rebeca Valadão Bussinger e pela Prof.^a Mestre Virgínia de Santana Cordolino Nunes (Vir Nunes), tendo como mediadora a estudante de Biologia da UNEB - Campus X Sacha Bianco.

Gênero, sexualidade e identidades

Imagem 7: Card do Seminário



Fonte: Arquivo do Coletivo Mulheres Insubmissas

Nesse seminário, a questão de gênero foi o mote de todas as narrativas, assim, as intelectuais questionaram a cisheteronormatividade patriarcal que tem regido, regulado e legislado as formas de violência, essa prática hegemônica tem imposto a ideia de que todos os corpos podem ser categorizados apenas em masculinos ou femininos, assim as conferencistas convocam todos/as para a desnaturalização dessas ideologias, conforme pontuam as professoras Rebeca Valadão Bussinger e Raiza Canuta da Hora.

Nesse sentido, o feminismo defendido pelas conferencistas engloba teoria e prática revolucionária, pensando nas mulheres lésbicas como sujeitos históricos da transformação da sua própria condição social, propondo que as mulheres partam do autorreconhecimento para transformar a si mesmas e a sociedade. Das teias de sentidos amarradas de suas experiências da militância e da academia, essas mulheres defendem a cidadania, a liberdade de expressão, a ocupação do espaço público e o direito à comunicação de afetividade pelas mulheres lésbicas.

Ainda na perspectiva de trazer para a formação do grupo pautas políticas feministas em interface com a questão identitária, realizou-se nos dias 03 e 04 de setembro de 2020 o *I Udxêre'xó Ūpâp Jokana Txihihây* (I Encontro de Mulheres Indígenas), objetivando refletir sobre o que é ser mulher indígena na Bahia, no Brasil e em Quito (Equador), uma vez que se comemora no dia 5 de setembro o *Dia Internacional da Mulher Indígena*. Essa data foi instituída em 1983, durante o *II Encontro de Organizações e*

Movimentos da América, em Tihuanacu (Bolívia). A escolha dessa data tem como motivação o assassinato de Bartolina Sisa, mulher quéchua que foi esquartejada durante a rebelião anticolonial de Túpaj Katari, no Alto Peru, em 5 de setembro de 1782. Portanto o *Dia Internacional da Mulher Indígena* tem sido entendido como uma data de combate ao racismo, pois este tem impedido o movimento de mulheres de apreender e de compreender o legado ancestral de sabedoria dos povos e das mulheres indígenas, assim como dos povos e mulheres negras.

Imagem 8: Conferencista Iatã Pataxó, mediadora Vanessa I. Rozisca e conferencistas Ariane ãwãnuK Pataxó e Tamikuã Pataxó



Fonte: Canal da Mulheres Insubmissas no You Tube, 03/09/2020

O evento de 2020 tem sua motivação na *I Marcha das Mulheres Indígenas* em Brasília, em 13 de agosto de 2019, com tema *Território: nosso corpo, nosso espírito*, reuniu cerca de 3 mil mulheres na Esplanada dos Ministérios em defesa de seus corpos e territórios. Para as indígenas essa marcha além do seu significado político, funcionou como um importante espaço de trocas entre mulheres de 113 nações indígenas, revelando que mulheres e homens podem lutar lado a lado por seus direitos.

Em 2020, por conta da pandemia da Covid-19, a marcha indígena aconteceu nos dias 07 e 08 de agosto de 2020, nas redes sociais de lideranças indígenas, sendo a temática *O sagrado da existência e a cura da terra*. E, em aderência a essa pauta, o coletivo Mulheres Insubmissas propôs o *I Udxêre'xó*

Gênero, sexualidade e identidades

ūpâp jokana Txihihây (I Encontro de Mulheres Indígenas), transmitido no You Tube das Insubmissas, nos dias 03 e 04 de setembro de 2020, das 19 às 21 horas.

No primeiro dia de evento abordou-se sobre “Quando nossos maracás soam é porque estamos nos movendo”, tendo por conferencistas Prof.^a Ariane Nascimento da Conceição da aldeia Corumbauzinho (sendo seu nome indígena *Āwānuk Pataxó*), Prof.^a Graziela Santos de Oliveira da aldeia Guaxuma (*Iatã Pataxó*) e a Prof.^a e Diretora Tânia Alves Maciel da aldeia Craveiro (*Tamikuã Pataxó*), sob a mediação da Prof.^a Mestre Vanessa Iurcchiag Rozisca. No segundo dia, abordou-se sobre “Organizações de Mulheres Indígenas: experiências da Bahia e de Quito, sendo as conferencistas Kâdara Pataxó da aldeia Juerana (pré-candidata a vereadora de Santa Cruz Cabralia) e a Professora Doutoranda Yvets Morales Medina, de Quito, com a mediação da Prof.^a Doutora Helânia Thomazine Porto.

Imagem 9: Mediadora Helânia T. Porto, conferencistas Kâdara Pataxó, Adriene Macario e Ivets Morales.



Fonte: Canal da Mulheres Insubmissas no Youtube, 04/09/2020.

Em todas as enunciações das quatro indígenas Pataxós, por diversas vezes, a palavra feminismo fora abordada, contudo, distante de ser o feminismo dos demais grupos sociais. O debate sobre o feminismo, na perspectiva das indígenas não corresponde majoritariamente as pautas apresentadas pelas não-indígenas. Assim, seus feminismos se estruturam juntamente com a luta pelo território, em repúdio ao avanço de uma economia *ultraneoliberal* que vai tomando de roldão as reservas, nascentes, impactando diretamente a vida de aldeados/as, pois essa economia além de agredir um

conjunto de direitos historicamente conquistados, acentua o foço das desigualdades sociais e restrições às liberdades democráticas, elementos importantes da pauta feminina indígena.

As singularidades entre o feminismo não-indígena e o pensado pelas mulheres indígenas fornecem exemplos importantes para situar o feminismo em plural. Os movimentos feministas liderados por indígenas são também de resistência ao pensamento do colonizador, assim a mulheres indígenas almejam reformular as histórias contadas através de lentes problemáticas eurocêntricas que reduzem as organizações sociais indígenas pela leitura da desqualificação de seus saberes. Na miragem da conferencista Kãdara Pataxó (2020), os indígenas aprenderam a ser machistas com o colonizador, uma vez que no passado a divisão do trabalho era comunitário, e não pelo sexo e gênero. ãwãnuK Pataxó (2020) também observa que há narrativas de não-indígenas que rearticulam os indígenas e as suas formas de conhecimento como retrógradas, como não modernizados. E esses tropos coloniais têm servido para apagar os saberes de povos indígenas, estendendo o preconceito a outro tipo de binarismo, dos “civilizados versos os “selvagens”.

Essas argumentações se aproximam da abordagem da teórica Juliete Paredes (2020) sobre feminismo comunitário, como uma relação transgeracional e originária que cada povo indígena mantém com seu território ancestral, sendo o feminismo indígena emergente desses lugares de origem. As mulheres lembraram ainda que muito antes dos europeus chegarem a essas terras, havia cientistas indígenas, astrônomos nativos, agrônomos, geneticistas, ecologistas, engenheiros, botânicos, zoólogos, hidrólogos de bacias hidrográficas, farmacologistas, médicos e muito mais - todos engajados na criação e aplicação do conhecimento que promovesse o florescimento das sociedades humanas e dos seres com os quais todos compartilham no planeta, que na perspectiva da conferencista equatoriana Yvets Medina, o feminismo não se inicia com a inserção das indígenas e camponesas na universidade e tão pouco em movimentos feministas, ele se fundamenta na infância, nos conhecimentos tradicionais partilhados entre adultos e crianças.

Para essa conferencista, estar no território indígena possibilita que cada menina e mulher indígena compreenda que não existe feminismo sem as mulheres de diferentes idades e sem a comunidade, pois esse se organiza

Gênero, sexualidade e identidades

na convergência de diferentes lutas e conhecimentos, principalmente na organização política pelo território. Nas enunciações das mulheres Pataxós, há pistas de um *ecofeminismo* que se organiza pela dimensão da relação das mulheres com o território, este como fonte de identidade e de base para as ações políticas. Essa corrente de pensamento conflui na ética do cuidado, da solidariedade e da recuperação do que foi depreciado acerca do que é ser feminina no contexto de cada aldeia.

5 Considerações finais

Essas narrativas femininas revelaram que os feminismos que têm sido debatidos nas propostas formativas do coletivo *Mulheres Insubmissas* são enunciações de respostas às contradições sociais, políticas e econômicas, tendo como esferas públicas os espaços digitais, como exemplo, o canal do You Tube, este permite a produção de informações em formato hipermídia, com maior protagonismo e autonomia. Entretanto, demanda que essas estejam engajadas coletivamente, abertas à criação de enunciações tanto em contexto digital quanto em outros espaços de participação política.

Suas enunciações apontaram ainda que os feminismos propostos se configuram como interseccional, construídos dos cruzamentos de gênero, raça, identidades e classe social. Assim, essas mulheres têm buscado coletivamente a formação pessoal. E nesse processo o autorreconhecimento, e o reconhecimento de cada uma no grupo como produtoras de culturas, de proposições de mudanças sociais e políticas. Trata-se, portanto de uma luta política, que tenta ser substancialmente democrática e, por isso mesmo, antiautoritário. Sendo essencial a participação de todas na elaboração e formulação de saberes e de questionamentos para a formação política de todas/todes, compreendendo que a descentralidade do corpo autoritário nas discussões se faz importante na construção de um feminismo decolonial.

Quanto à formação do coletivo como um grupo orgânico, percebe-se sua constituição está motivado pela sororidade, especificamente quando todas se juntam em enfrentamento às formas excludentes como mulheres negras, indígenas, lésbicas e periféricas têm sido alvejadas.

As reflexões postas nesse artigo ainda são embrionárias quanto a questão do feminismo como epistemologia na Universidade do Estado da

Bahia, entretanto, não se pode negar que as ações empreendidas por essas mulheres têm potencial de mobilizar conceitos acerca de identidade/alteridade e gênero. Nesse caso, os feminismos como uma epistemologia da diferença sem ser excludente, conforme cada um/a se identifica, pode ser pensado pela junção de identidades multifacetadas e plurais, colocando, assim, em suspeita a adoção de teorias e de métodos que reduzem o mundo a um conjunto mínimo de categorias para compreendê-lo, ao tempo em que se defende a inserção dessa episteme na formação acadêmica.

As narrativas do Coletivo analisadas revelam que as mulheres engendram diferentes estratégias e táticas para circular e driblar as adversidades do machismo estrutural, colocando-se em posições políticas de resistência ao sistema patriarcal. Trata-se de um processo com várias entradas capturadas desse *devoir feminista interseccional, ecofeminista, afrofeminista*, em dialética com as sabedorias das ancestrais que não se diluem, não se anulam ou desaparecem nas diferenças, mas, ao contrário, guardam, talvez, nas singularidades daquilo que se mistura do feminismo da globalização e da tecnosfera.

REFERÊNCIAS

- BARBALHO, Alexandre. Cultura minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. In: BARBALHO, Alexandre.; PAIVA, Raquel. (Orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *Le Deuxième Sexe*. Paris, Gallimard, 1968.
- BURIGO, Joana. Em meio à crise, o patriarcado contra-ataca. In. Carta Capital. *Artigo de opinião*, 2016. Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/em-meio-a-crise-o-patriarcado-contra-ataca/>>. Acesso em 10/10/2020.
- CASTRO, Roberto P.; BRONFMAN, Mário P. Teoria feminista y sociologia medica: bases para una discusión . *Cad Saúde Púb.* v. 9, n. 3, p. 375- 394, 1993.

Gênero, sexualidade e identidades

- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Tradução de Liane Schneider. In: *Estudos Feministas*, Ano 10. University of California ã Los Angeles, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>.
- EVARISTO, Conceição. “*Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*”. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, p. 1-17, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. In: *Revista Brasileira de Educação*. vol.16 no.47 Rio de Janeiro May/Aug. 2011. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782011000200005&script=sci_arttext>. Acesso em:10/10/2020.
- HAWKESWORTH, Mary. A semiótica de um encontro prematuro: o feminismo em uma era pós-feminista. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 14, n. 3, p. 737-763, 2006.
- HOOKS, BELL. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.
- _____. “Intelectuais negras”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez. 2005.
- MIRANDA, Cynthia Mara. *Mobilização das mulheres em enunciados de jornais brasileiros (1979-1988)*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- PAREDES, Juliete. Na Bolívia, um feminismo que descoloniza as Américas. *Feminismos*.Entrevista.18/05/2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/na-bolivia-um-feminismo-que-descoloniza-as-americas/>. Acesso em: 10/10/2020.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SMITH, Barbara. Racism and Women’s Studies’ in *Frontiers: A Journal of Women’s Studies*, Vol. 5, No. 1, *National Women’s Studies Association Conference*, Selected Proceedings, 1979 (Spring, 1980) pp 48-49.
- SODRÉ, MUNIZ. *Claro e Escuro: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- TRUTH, Sojourner. *E não sou uma mulher?* [Tradução Osmundo Pinho] Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Cachoeira)/University of

Texas (Austin): Portal Geledés, 2014. Disponível em:<
<https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>>.
Acesso em: 10/10/2020.